



## DEPORTO-ME PARA SOBREVIVER. O HAITI TAMBÉM É AQUI

GUIMARÃES, Maristela Abadia<sup>1</sup>

*Estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação - UFMT  
maristelaabadia@uol.com.br*

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues<sup>2</sup>

*Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação – UFMT  
Orientadora  
rodriguesmarialucia10@gmail.com*

63

### RESUMO

Cuiabá tem sofrido alterações visuais em sua paisagem populacional. Um novo grupo de pessoas, com uma nova língua, tem estranhado os lugares. Quem são eles? De onde vêm? O que os trazem para cá? Como vêm? São haitianos. Homens e mulheres. De acordo com a Pastoral do Migrante, cerca de 2.700 haitianos vivem atualmente na cidade. A intenção deste estudo é pensar essa população que chega a Cuiabá e também as fronteiras simbólicas racialmente construídas pelas barreiras da cor, como se pronunciam e enunciam o elo entre este – “o local” – cuiabano - e aquele - o “de fora”, o negro? Do ponto de vista racial, como se dá esse contato que muda a paisagem local? Quais conflitos poderiam ser verificados desse contato? As técnicas qualitativas de etnografia e fenomenologia serão basilares neste estudo. São poucas as pesquisas sobre o tema e não há registros no Estado de Mato Grosso.

**Palavras-Chaves:** Haiti. Cuiabá. Relações Raciais.

### ABSTRACT

Cuiabá has suffered visual changes in its population landscape. A new group of people, with a new language, has made places odd. Who are they? Where do they come from? What brings them here? How do they come? They are haitians. Men and women. According to the Pastoral of Migrants, about 2,700 haitians currently live in the city. The aim of this study is to think this population that reaches Cuiabá and also the symbolic boundaries racially built up by the barriers of color. And also how it pronounces and enunciates the link between this - "the local" – from Cuiabá - and that – “the outside”, the black people? From the racial standpoint, how is this contact that changes the local landscape? Which conflicts could be verified from this contact? The qualitative techniques of ethnography and phenomenology will be fundamental in this study. There are few researches on this subject and there are no records in the state of Mato Grosso.

**Keywords:** Haiti. Cuiabá. Race Relations.



“Irmão, onde você está?” [...] “Bem aqui, irmão. Estou bem aqui”  
(DANTICAT, 2010, p.228).

## INTRODUÇÃO

Pensar um objeto de pesquisa consiste em tatear esse objeto em busca daquilo que poderia ser visto sob um ou vários ângulos. Um olhar incrustador sobre a realidade pode nos levar a descobrir lugares e espaços que poderiam ser visitados pela pesquisa. Assim, tem se constituído este objeto de pesquisa que ora apresentamos.

Desde 2011, a cidade de Cuiabá tem sofrido alterações visuais em sua paisagem populacional. Um novo grupo de pessoas, com uma nova língua, tem estranhado os lugares. Quem são eles? De onde vêm? O que os trazem para cá? Como vêm?

## A PAISAGEM É OUTRA

Cuiabá, cuja população é composta por maioria negra, tem suas ruas tornadas mais enegrecidas. Grupos de uma cor preta forte tem andado unidos, vê-los nos ônibus circulares, vê-los nos trabalhos das obras da copa, vê-los nos bares como garçons ou limpando os corredores das faculdades, vê-los nos jornais de tvs locais ou noticiados nos escritos não é difícil. São haitianos. Homens e mulheres que, a cada ano, chegam em número maior a Cuiabá e, de acordo com a Pastoral do Migrante, cerca de 2.700 haitianos vivem atualmente em Cuiabá<sup>1</sup>.

Muitos são os comentários sobre eles. No salão de beleza: “você sabia que esses haitianos estão trazendo um novo tipo de aids para Cuiabá?”<sup>2</sup>, ou na fala de um vereador: “o que faremos com esse bando que está invadindo Cuiabá?”<sup>3</sup>. Ou, ainda, em metáforas depreciativas, “O Pronto-Socorro de Cuiabá chamamos de ‘Haiti’, porque você só vê maca, gente no chão. É um absurdo”<sup>4</sup>. Dizeres assim não têm sido exceções. Diante dessas situações, trazemos Fernandes (2007) que, ao explicar sobre as pesquisas que realizou em conjunto com Roger Bastide, expôs terem elas intenção de “atingir o homem e suas condições gerais de existência” (FERNANDES, 2007, p. 30) e, de certo modo, é este nosso querer ao olhar a realidade local

<sup>1</sup> Informação dada pelo diretor da Pastoral em 07 ago. 2014, na sede da Pastoral quando foi realizado o primeiro contato para esta pesquisa.

<sup>2</sup> Conversa presenciada num salão de beleza do Jardim Itália em Cuiabá, em 03 de maio de 2014.

<sup>3</sup> Conversa entre uma estudante de mestrado do grupo de Pesquisa do Nepe e um vereador de Cuiabá relatada pela mestranda.

<sup>4</sup> *MidiaNews*. Cotidiano/O desabafo de um médico. 05.07.2014. Disponível em: <http://www.midianews.com.br/conteudo.php?sid=3&cid=202761> Acesso em 06 maio 2014.



cuiabana. Ainda em conformidade com o sociólogo, e na intenção de pensar essa nova população que chega a Cuiabá, ressaltamos a importância deste estudo.

São culturas diferentes em contato, e isso causa estranhamento tanto para quem chega, como para quem está. Ao debater sobre negros no mundo dos brancos e a integração entre eles, Florestan Fernandes (2007) enfatiza que o contato entre culturas diferentes tende a fazer com que um lado perca suas heranças culturais. Diz o autor, “Eles se perdem como *raça* [o autor referia-se a negros e brancos] e como *raça portadora de cultura*” (FERNANDES, 2007, p. 35, grifos do autor). Como os migrantes haitianos buscarão manter sua história? Usariam eles de estratégias para manter viva sua cultura, sua língua, suas memórias? Em conversa informal<sup>5</sup> com o diretor da Pastoral do Migrante, este informou que está sendo criada uma Associação de Haitianos, seria este um dos mecanismos para garantir a sobrevivência cultural?

## SÃO VÁRIAS AS PERGUNTAS

No início do século XIX, vivenciamos e teorizamos sobre o branqueamento da população. Queríamos construir um projeto de nação e esta era branca. Tentativas de branqueamento foram feitas e a mestiçagem tornou-se um dos males raciais do Brasil, conforme postula Da Mata (1986) em *O que faz o Brasil, Brasil?* Assim, se solidificou o mito das três raças como “modo de esconder a profunda injustiça contra negros, índios e mulatos [...]. É mais fácil dizer que o Brasil foi formado por um triângulo de raças” (1986, p. 47). Passado mais de um século, que nação construímos?

O Brasil é negro dizem os dados, sejam os indicadores do IBGE (2010) que apontam ter a população preta e parda autodeclarada ultrapassado os brancos - dos 190.755.799 habitantes, 91.051.646, declararam-se brancos; 14.517.961 declararam-se pretos; 82.277.333, pardos, num total, somando-se pretos e pardos, de 96.795.294 negros - seja nosso olhar sobre o tipo brasileiro. Mas, apesar de a maioria da população ser negra, o Brasil ainda passa a imagem de país branco lá fora, como se verifica na fala do cineasta Spike Lee, em 2012, quando de sua visita ao Brasil “Quero olhar o país a partir dessa questão racial [...]. Fiquei surpreso quando

<sup>5</sup> Conversa informal com o diretor da Pastoral do Migrante, ocorrida em 07 ago. 2014, na sede da Pastoral quando foi realizado o primeiro contato para esta pesquisa.



vim ao Brasil pela primeira vez e soube que metade da população era negra e que essa metade era também a mais pobre. Ligava a TV e não via nenhum negro”<sup>6</sup>.

O Censo de 2010 registrou em Mato Grosso população total de 3.035.122 mato-grossenses, destes, 1.820.597 se autodeclararam pretos e pardos (IBGE, 2010). Cuiabá também é uma cidade negra, 64,8% de sua população é negra (IBGE, 2010), e com a chegada dos haitianos tem-se enegrecido mais, quais impactos traz esse novo panorama racial?

Estaríamos, portanto, ao receber os haitianos, sofrendo um revés na história: queríamos/idealizamos uma sociedade branca e, em contrapartida, recebemos negros de um país pobre? Como supostamente pensamos ao desconhecer a história do Haiti. Estaríamos revivendo o atraso do século XIX?

Talvez seja justamente o contrário, por sermos considerados, aos olhos dos outros países, uma nação onde se tem esperança de vida melhor, temos aumentado os números de imigrantes de países pobres nestas duas décadas do século XXI. Observando os dados de migração dos haitianos de 1970 a 2000, temos: em 1970 entraram 90; em 1980, 127; em 1991, e 15 em 2000, de acordo com os dados obtidos no Documento do Ministério do Trabalho e Emprego – MTE *Perfil Migratório do Brasil 2009*. A diferença entre esses números para os de após o terremoto de janeiro de 2010 é significativamente superior e, conforme reportagem no jornal *Folha de São Paulo*, de janeiro de 2012, citando fala do Itamaraty, “essa situação só é comparada historicamente à imigração de italianos e japoneses [...] no período imperial e nos primeiros anos da República”.<sup>7</sup> Que fenômeno é este que se instala nas mais diferentes regiões do Brasil, em específico Cuiabá?

O Haiti foi assolado pela corrupção, pela ditadura e sucessivos golpes de Estado, a população vive devastada também pela violência urbana, e também desastres naturais, como o de 2010, e em virtude disso vidas são ceifadas e o número de mortes de jovens é assombroso.

A escritora haitiana Edwidge Danticat, radicada nos Estados Unidos para onde mudou aos 12 anos, narra em seu livro de memórias, *Adeus, Haiti*<sup>8</sup>, as várias faces do País. Como ilustração, trazemos fragmentos dos discursos da autora.

<sup>6</sup> Matéria sobre Spyke Lee veiculada no jornal *A Folha- Ilustrada*. “Novo documentário de Spyke Lee retrata o Brasil sob a ótica racial”. 01/05/2012. Disponível em: [http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/a/1083\\_577-novo-documentario-de-spike-lee-retrata-o-brasil-sob-otica-racial.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/a/1083_577-novo-documentario-de-spike-lee-retrata-o-brasil-sob-otica-racial.shtml). Acesso em 08 ago. 2014.

<sup>7</sup> *Folha de São Paulo. Mundo*. Vinda de haitianos é a maior onda imigratória do país em cem anos. 12/01/2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1033447-vinda-de-haitianos-e-maior-onda-imigratoria-ao-pais-em-cem-anos.shtml> Acesso em: 09 ago.2010

<sup>8</sup> A obra foi publicada originalmente em inglês em 2004 e traduzida em português em 2010.



Em 1956, Magloire renunciou após uma greve nacional devido, entre outras coisas, à insatisfação crescente com seus gastos extravagantes (DANTICAT, 2010, p. 36).

Crianças que morriam por causa de micróbios ou vírus na infância, os adolescentes atropelados por motoristas relapsos a caminho da escola, os das mulheres atingidas pela malária, pelo tifo ou pela tuberculose, os dos homens que eram surrados ou mortos a tiros pelos lacaios de François Duvalier (DANTICAT, 2010, p.69).

Em 7 de fevereiro de 1986, [...] ‘Baby Doc’ Duvalier fugiu do Haiti para a França, deixando uma junta militar governando o país. [...] Quatro meses depois de assumir, Leslie Manigat foi derrubado pelo tenente-general Namphy [...] (DANTICAT, 2010, p.116).

Seria, então, somente de violência a história de vida dos haitianos em seu país de origem, como supostamente pensamos ao desconhecer ou conhecer parcialmente a história do Haiti?

Para Thomaz (2011), Danticat (2010) e Carpentier (1985), a história haitiana está para além dessas demarcações. Ultrapassam-nas, embora por um lado, seja mantida por a uma visão racista da historiografia que precisa ser revisitada, ainda que não seja este nosso propósito nesta pesquisa (THOMAZ, 2011), por outro, num olhar literário que adentra os campos da memória e do simbólico (DANTICAT, 2010; CARPENTIER, 2011).

Pensando nas fronteiras simbólicas racialmente construídas pelas barreiras da cor, como se pronunciam e enunciam o elo entre este – “o local” – cuiabano, branco ou branqueado - e aquele - o “de fora”, o negro? Do ponto de vista racial, como se dá esse contato que muda a paisagem local? Trazendo Fernandes (2007, p. 49) para este princípio de reflexão, vemos as relações raciais, aqui adaptadas ao contexto cidadão cuiabano/cidadão haitiano, entregues a “processos sociais espontâneos”, e nestas culturas distintas são colocadas em contato, momento em que se estabelecem fronteiras simbólicas onde há, como em toda fronteira, disputas de poder e, por conseguinte, conflito. Quais conflitos poderiam ser verificados desse contato entre cuiabanos e haitianos? Como podemos, do ponto de vista da etnografia, pensar essa questão?

Despontam dessas ponderações, alguns questionamentos além dos que postos, que, se pensados metodologicamente, podem ser respondidos se não plenamente, pelos menos refletidos em suas minúcias. Ao investigar sobre a vinda dos imigrantes haitianos para Cuiabá, verificamos que eles vieram espontaneamente a partir de 2010. Ao contrário dos negros africanos, que foram trazidos para o Brasil-Colônia na condição de escravizados, os haitianos não foram traficados, mas há um fundo que os trouxe para cá. Que fundo é este? E por que o



Brasil? Em específico Cuiabá? Haveria alguma relação entre a identidade cultural entre Cuiabá e Haiti?

Os haitianos que aqui chegam entram pelos Estados do Acre e da Amazônia e, a partir de lá, dirigem-se para Rondônia, Mato Grosso, São Paulo, Brasília entre outros Estados. Como esses Estados têm se organizado para recebê-los? Quais políticas para migrantes têm sido implantadas? Qual o comportamento de cada Estado, seja na política de migração nacional, estadual e local?

Em fevereiro de 2014, foi publicado o Projeto *Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral*, coordenado pelo prof. Duval Fernandes, PUC\_MG, e parcerias institucionais, Centro Zanmi, Belo Horizonte; Instituto Migrações e Direitos Humanos, Brasília – IMDH; Núcleo de Estudos de População-UNICAMPI, Campinas; Pastoral do Migrante de Curitiba e Manaus; Centro de Estudos da Metrópole, São Paulo e UNIR, Porto Velho.

O estudo traz dados referentes a duas pesquisas realizadas sobre os migrantes haitianos. A primeira entrevistou 340 haitianos nas cidades de Belo Horizonte, Curitiba, São Paulo e Porto Velho, e a segunda, com técnica de grupo focal, num total de 9, nessas cidades e também Manaus. Os resultados desses projetos, em síntese, apontam que os migrantes são pessoas predominantemente jovens, com idades entre 20 e 39 anos; a maioria possui ensino fundamental incompleto; os sem visto de entrada adentram o Brasil em condições de extrema vulnerabilidade; as condições de trabalho e moradia brasileiras não permitem que eles enviem regularmente dinheiro para seus familiares e, por fim, “necessidade do estabelecimento de um diálogo bilateral entre o governo brasileiro e o do Haiti para combater as redes de tráfico e fornecer informações aos candidatos à emigração sobre as condições de vida e trabalho no Brasil” (2014, Resumo, p. 3). Para o diretor da Pastoral do Migrante em Cuiabá, este Relatório não traz medidas práticas para resolver a situação dos haitianos no Brasil<sup>9</sup>.

Trazendo para Cuiabá, onde, até o momento, nenhum estudo científico sobre o assunto foi feito, tentaremos, no transcorrer da pesquisa de doutoramento, parte da qual este trabalho é fruto, pensar como estão sendo construídas as políticas locais para recepção desse migrante, que é negro, oriundo de um país assolado por problemas econômicos e políticos e com singularidades culturais, dentre elas a língua falada, o crioulo. O *créole* é a língua criada por negros escravos no Haiti, Grondim (1985) explica que

<sup>9</sup> Fala informal feita durante conversa com o Diretor da Pastoral do Migrante, Cuiabá, em 07 ago. 2014



oriundos de centenas de grupos linguísticos diferentes, misturados entre si por seus captosres [...] os escravos do Haiti tiveram que criar um meio de comunicação oral e cultural entre si mesmos e entre eles e seus donos. Utilizando o francês, língua da colônia, como base, criaram o *créole* (GRONDIN, 1985, p. 73).

Essa singularidade linguística tem sido ouvida em diferentes espaços em Cuiabá, seja nos ônibus urbanos, meio de transporte comumente usados pelos haitianos para se locomover, seja nos ambientes de trabalho como, por exemplo, num supermercado onde um rapaz que exercia a função de caixa e uma moça que trabalhava como empacotadora, ambos haitianos, conversavam em sua língua nativa, o crioulo, e isso, de certo modo, causava um “estranhamento” dado os olhares percebidos<sup>10</sup>.

Florestan Fernandes, na obra *O negro no mundo dos brancos* (2007), ajudou-nos a pensar e a construir algumas dessas questões. Ainda que parcialmente, temos observado que os haitianos que estão em Cuiabá ocupam posições subalternas quando verificados os postos de trabalho que estão ocupando. Estariam eles em Cuiabá, no “porão da sociedade” (FLORESTAN, 2007, p.63)? Como coloca o sociólogo, quando se refere à integração nacional entre brancos e negros.

Nunca tentamos pensar numa direção diversa e imaginar como poderia ser essa mesma unidade se em vez de integrar por exclusão, ela (sociedade/integração nacional do Brasil) integrasse por multiplicação. De fato, tanto pode haver a união fundada na imposição de cima para baixo quanto a união que se cria com base no consenso e no respeito por diferentes culturas em contato (FERNANDES, 2007, p.63).

Seria possível essa realidade no Brasil, sociedade construída historicamente para a valorização da meritocracia? Buscando novamente Fernandes, o autor, ao se referir a culturas distintas em contato, observa que estas “se perdem como raça e como raça portadora de cultura (2007, p.35). Ainda que muito recente a vinda dos haitianos para Cuiabá, correm eles o risco de perder o contato com sua cultura materna por estarem submetidos aos “porões da sociedade”, ou exatamente por estarem nessa condição reverterão este quadro pela resistência cultural?

Ou serão também alvos do racismo, conforme explícito nas palavras de Thomaz (2011, p. 274) “racismo que, sob outras vestes, se manifesta quando se trata de enfrentar a situação

<sup>10</sup> Essa situação ocorreu em um supermercado de Cuiabá onde uma das pesquisadoras fazia compras e, ao ver que o caixa, era haitiano, decidiu por passar pelo atendimento dele, momento que se deparou com o acontecido e observou os olhares dos clientes que também aguardavam na fila e o dela mesmo porque achou uma situação pouco usual. Acontecimento em 09 de maio 2014.



contemporânea do Haiti?”. Um aprendizado que talvez ainda não se tenha tido e que poderia ser vitalizado, apresenta-se, mais uma vez, na voz de Fernandes.

Temos de aprender a não expurgar os diferentes grupos raciais e culturais do que eles podem levar criadoramente ao processo de fusão e unificação, para que se atinja um padrão de brasilidade autenticamente pluralista, plástico e revolucionário [...]. Mas que o mundo dos brancos desapareça, para incorporar em sua plenitude, todas as fronteiras do humano, que hoje coexistem apenas ‘mecanicamente’ dentro da sociedade brasileira (FERNANDES, 2007, p.36).

Talvez o que se tenha visto e vivido, seja exatamente o contrário, “A mais extrema indiferença e falta de solidariedade para com um setor da coletividade [referindo-se aos negros] que não possuía condições próprias para enfrentar as mudanças” (FLORESTAN, 2007, p. 47, grifos nossos). Para verificar se essa assertiva é verdadeira, tentaremos compreender como Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH) tem exercido o papel de “atuar na proteção dos direitos humanos, promoção da cidadania e assistência jurídica a migrantes - internos, internacionais ou retornados - e a refugiados”<sup>11</sup>, para isso um dos momentos da pesquisa de doutoramento consistirá em conviver e compartilhar dos trabalhos da Pastoral do Migrante em Cuiabá, local de acolhida dos haitianos que chegam a Mato Grosso.

O que objetiva este estudo? Trata-se de uma tentativa de investigar haitianos residentes em Cuiabá e voltar nosso olhar para as suas *condições gerais de existência*, na nova terra e, em consonância com Fernandes (2007), numa perspectiva socioantropológica. Buscar-se-á também pensar pontos de contato entre Haiti e Brasil em se tratando das questões raciais.

Por que pensar o contato racial? Muitas são as evidências historiográficas que a situação socioeconômica e política do Haiti são consequências de comportamento racista contra aquele território.

O Haiti foi o único país, ainda na primeira década do século XIX, a estabelecer a primeira república negra do mundo. Tratou-se, nas palavras de Grondim (1985), “a revolução de negros e escravos contra os padrões brancos das plantações” (p.11). A partir daí, foram constantes e permanentes as intervenções estrangeiras sejam da França – que cobrou altíssimos impostos desta independência, perseguindo o país e não permitindo acordos políticos e econômicos com outras nações – seja da Espanha, Inglaterra, Estados Unidos, este até o momento mantém intervenções regulares com o fito de “manter a ordem” por meio da Minustah - Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti.





Em dois romances, escritos em épocas diferentes, o primeiro na década de 1940, de Alejo Carpentier, *O reino deste mundo*, e o outro já no século XXI, *Adeus Haiti*, de Edwidge Danticat há episódios que confirmam a existência do racismo contra o povo haitiano. O primeiro é um romance histórico que conta a história da libertação do Haiti e, numa narrativa permeada pelo realismo maravilhoso<sup>12</sup>, o narrador conta a tentativa de os brancos colonizadores subjugar o negro, “Uma vez mais os brancos eram batidos pelos Altos Poderes da Outra Costa” (CARPENTIER, 1985, p. 31). Em várias passagens da obra, o narrador, em detalhes, descreve o horror da colonização francesa, permeada por cenas grotescas de torturas, degolas entre outras atrocidades.

Apesar disso, a obra traz em seu bojo a força e resistência do povo haitiano, cuja língua e religião são alguns dos pilares para o fortalecimento do povo então subjugado “Tinham, pois, os escravos uma religião secreta que os encorajava e os mantinha unidos nas suas rebeliões” (CARPENTIER, 1985, p. 49).

E, ao final da tessitura, numa reflexão visceral, o protagonista constata “Já que a pele do homem costumava trazer tanta calamidade, mas valia livrar-se dela por algum tempo” (p. 113). Outras evidências do racismo estão na obra contemporânea de Danticat (2010).

*Adeus, Haiti* é um livro de memórias. Nele, a autora, haitiana, busca por meio de suas memórias, dar voz ao tio que a criou. Assim, Danticat vai, pouco a pouco, desvelando para o leitor o Haiti e a vida de sua família. Na obra também há vários relatos que visibilizam comportamentos racistas.

Dentre essas posturas tanto acontecem interna, no próprio país, como externamente. Como exemplo interno, citamos dois: o patrão do pai da autora, um italiano que, por diversas vezes em suas falas denotavam a crença em sua superioridade europeia, “O patrão disse a meu pai que enfatizasse que todos os sapatos, assim como ele próprio, vinham da Itália” (DANTICAT, 2010, p. 50); o tratamento que as Nações Unidas dispensam aos haitianos é anunciado em várias passagens da obra, ““É uma limpeza física das ruas’, contou mais tarde à Associated Press Daniel Moslauk, o porta-voz dos instrutores das Nações Unidas junto à polícia haitiana, ‘para que possamos recuperar o tráfego normal nessa região, ou tão normal quanto possa ser para estas pessoas’” (p. 147).

<sup>11</sup> Sobre o Papel do Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH), ver: [http://www.migrante.org.br/migrante/index.php?option=com\\_content&view=article&id=112&Itemid=1195](http://www.migrante.org.br/migrante/index.php?option=com_content&view=article&id=112&Itemid=1195) Acesso em: 04 ago. 2014.

<sup>12</sup> Para Carpentier, “o maravilhoso começa a sê-lo, de maneira inequívoca, quando surge uma inesperada alteração da realidade (o milagre) [...]. Antes de tudo, para sentir o maravilhoso é necessário ter fé” (O reino deste mundo, PREFÁCIO, 1985).



Externamente, a autora narra trechos de sua vida nos Estados Unidos para onde mudou aos doze anos. Nesses enunciados, a romancista deixa transparecer a diferença entre o tratamento dado pelos Estados Unidos aos imigrantes cubanos e haitianos, por exemplo. Ou, ainda quando o pai da autora morreu nos Estados Unidos, ela foi duramente questionada pela polícia norte-americana, o que a fez perguntar para o policial se aquela era uma prática normal.

Saindo do campo da literatura e retornando aos estudos científicos, Thomaz (2010), no artigo “Eles são assim: racismo e o terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti”, aponta o que, a princípio, já se tem notado em Cuiabá.

A ignorância e o medo não fazem mais do que alimentar o que prevalece em grande medida na relação entre os estrangeiros e os haitianos, e que está para além da consciência e da sua bondade ou maldade: o racismo. Comportamentos, reações, limites e expectativas são associados a características inatas de haitianos e haitianas, cuja singularidade se expressa no corpo. Eles são assim, no limite, porque são negros (THOMAZ, 2011, p. 275-276).

E, por fim, a leitura que nos instigou a voltar nossos olhos para a compreensão dessa nova realidade que desabrocha em Cuiabá foi “Raça, o significante flutuante”, de Stuart Hall<sup>13</sup>. Neste texto, o autor tece alguns constructos que nos inspiraram a pensar as relações raciais do ponto de vista do contato entre o local – Cuiabá/cuiabano/negro/branqueado - e o migrante/ de fora - Haiti/haitiano/negro/.

Hall aponta que “raça é um dos principais conceitos que organiza os grandes sistemas classificatórios da diferença que operam em sociedades humanas” (Palestra, 1995, p. 1). Por conseguinte, o autor revigora o conceito de diferença e, em o situando no contexto de Fernandes (2007), poderíamos, quiçá, pensar o migrante haitiano a partir de suas “condições gerais de existência”. O que o faz deportar-se de sua Pátria para buscar o novo num outro território. Ou como se coloca no título deste estudo *deporto-me para sobreviver*.

## **HAYER RESPOSTAS NÃO SIGNIFICA TER CERTEZAS**

Desse modo, podemos retomar as questões já enunciadas: como os migrantes haitianos buscarão manter sua história? Usariam eles de estratégias para manter viva sua cultura, sua

<sup>13</sup> Este texto é uma conferência proferida por Stuart Hall em 1995 em Goldsmiths College — University of London e reproduzida em documentário por Sut Jhally © Media Education Foundation, 1996. Está disponível na íntegra, em inglês, ilustrada por fotos e diagramas, no YouTube. Começa no minuto 6’40” da parte 2 do documentário Race, the Floating Signifier, disponível em: [www.youtube.com/watch?v=SIC8RrSLzOs&list=PL9DB8464B43CFAC14](http://www.youtube.com/watch?v=SIC8RrSLzOs&list=PL9DB8464B43CFAC14) Acesso em: 15 jan. 2014.



língua, suas memórias? Pensar o migrante haitiano nas suas relações com o outro, enquanto este outro-cuiabano o olha como “o diferente”, o “inusitado”, o que nos poderia relevar do ponto de vista da cultura e das relações raciais?

O facebook tem sido uma ferramenta de contato e de observação entre esta pesquisa e haitianos residentes em Cuiabá. Numa busca informal na página de um migrante haitiano que vive em Cuiabá há algum tempo e trabalha de garçom num bar popular da cidade, encontramos uma foto cuja legenda remete ao terremoto de janeiro de 2010. A foto foi postada por ele em 12 de janeiro de 2014, com a legenda “Hoje é um dia nunca se esqueça de 12 de janeiro de 2010. o terremoto no Haiti.”<sup>14</sup>.

Amigos dele responderam ao post, um deles, residente no Haiti, escreveu: “Ayiti peyi mw,peyi tout pep ayisyen anjeneral.”<sup>15</sup>. Nota-se nesta página e em outras que os migrantes que aqui vivem mantêm contato por meio do facebook com seus parentes e amigos que estão no Haiti, bem como mantêm na página informações sobre seu país de origem, denotando a manutenção de vínculos identitários.

Isso posto, apesar da complexidade que este estudo pode apresentar e dos vários vieses que ainda precisam ser delineados, o que propomos também é o estabelecimento de um diálogo com as ciências sociais e ainda a possibilidade de um novo campo de estudos para as relações raciais em Mato Grosso.

Como construir metodologicamente um trabalho dessa natureza? Os caminhos metodológicos serão construídos ao longo da pesquisa. Todavia, como resultado das leituras realizadas, sejam estas de cunho historiográfico, sociológico, antropológico e também literário, percebe-se que nos encontramos diante de histórias de vida cujas constantes foram marcadas com as presenças de “genocídio, escravidão, e brutalidade física”, conforme Harris (2010, p. 33); ou como coloca Thomaz (2011, p. 273), histórias de homens e mulheres que sempre “se negam, como sempre se negaram, a assumir a condição de vítimas passivas”.

Portanto, diante disso, a etnografia é um método que não poderá ser desconsiderado, e por meio da qual podemos ouvir as vozes haitianas, suas memórias trazidas e guardadas, os sonhos que os acompanham, suas resistências e pensar, concomitante a essas posturas, os espaços que ocupam em Cuiabá e quais ocupavam no Haiti, as semelhanças e dessemelhanças. A fenomenologia também pode nos ajudar a pensar o objeto investigado. Para isso, pensamos

<sup>14</sup> Por uma questão ética os dados da página do facebook não serão fornecidos.

<sup>15</sup> Tradução livre do Crioulo para o português, feito pelo google tradutor e adaptado pelas autoras: Haiti é meu país, somos todos os povos do Haiti.



com Merleau-Ponty (2004) sobre a necessidade de se ter, conforme recomenda o autor, cuidado com o objeto, com o campo, com as verdades puras e construídas, a necessidade de ver o oculto, de buscar os detalhes e aquilo que pouco aparece e também sobre a incompletude do conhecimento. Todas essas ponderações são importantes quando trabalhamos como o humano na tentativa de re-humanizá-lo.

Retomando a etnografia, Angrosino (2009) a conceitua como “arte e ciência de descrever um grupo humano” (p. 30), e completa que os etnógrafos “se ocupam basicamente das vidas cotidianas rotineiras das pessoas que eles estudam” (p. 31). Destarte, a princípio, parece que a pesquisa etnográfica não deve prescindir da fenomenologia, sob o risco de o pesquisador perder-se num labirinto de certezas.

Ainda não se completou a busca pelas teses e dissertações referentes ao tema desta pesquisa. Mas pelas buscas feitas tanto Base de Dados: banco de teses capes<sup>16</sup>, com as palavras-chaves *Haiti*, obtivemos 24 ocorrências, 3 de doutorado, as demais de mestrado.

Ressaltaremos as teses. Uma na área de saúde pública, “Estudo prospectivo do impacto da violência na saúde mental das tropas de paz brasileiras no Haiti”, Wanderson Fernandes de Souza; outro em Antropologia Social, “Sê tou melanje: uma etnografia sobre o universo social do vodu haitiano”, Jose Renato de Carvalho Baptista e em Estudos Estratégicos Internacionais, “Paz segurança internacional e a inserção brasileira”, de Clovis Eugenio Georges Brigagão.

Na Base de Dados: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações<sup>17</sup>, encontramos, pesquisando pela mesma palavra-chave, 17 estudos. De doutorado, 2. Na área de Letras, “O Haiti como lócus ficcional da identidade caribenha: olhares transnacionais em Carpentier, Césaire e Glissant”, de Maria Helena Valentim Duca Oyama; em Fisiologia, “Impacto de eventos traumáticos em militares brasileiros enviados ao Haiti: estudo prospectivo do cortisol salivar”, Ana Carolina Ferraz Mendonça de Souza.

No Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros – Copene, acontecido em Belém, em julho de 2014, somente um trabalho sobre o tema foi apresentado, “Refletindo sobre a imigração de haitianos para o Brasil e a descolonização de saberes a partir do cinema afro-diaspórico”, de Liliane Pereira Braga.

À vista disso, compreendemos que pensar a vinda de haitianos em massa é uma tentativa para se pensar novos fenômenos para as Ciências Sociais, não excluindo o diálogo com outras ciências como a Psicologia, a Antropologia, as Artes, a Medicina, a Literatura, a Linguística, a

<sup>16</sup> <http://bancodeteses.capes.gov.br/>

<sup>17</sup> <http://bdtd.ibict.br/>



Religião e também e Educação e o número ainda incipiente de pesquisas e em áreas distintas possibilitam validar essa ideia.

Fenômeno que se intensificou a partir do terremoto de 2010 no Haiti, a migração haitiana em massa para o Brasil tem mudado não somente o visual das cidades, também os fluxos migratórios e as políticas de migração, conforme a Resolução Normativa 106, de 25 de outubro de 2013 que prorrogou os vistos humanitários a haitianos até janeiro de 2015, “Art. 1º - Fica prorrogado por doze meses o prazo de vigência da Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012”.

“Deporto-me para sobreviver. O Haiti também é aqui” não é somente uma metáfora. Esta nomeação tenta ultrapassar e, ao mesmo tempo alcançar, as fronteiras físicas e simbólicas que separam irmãos em identidades. Aqueles que saem de sua terra natal em busca de sobrevivência e deixam suas raízes fincadas em terras que talvez nunca mais pisarão, mas que sabem que nela deixaram seus outros irmãos e que permanecem para sempre além e aquém dessas fronteiras: “Irmão, onde você está?” [...] “Bem aqui, irmão. Estou bem aqui” (DANTICAT, 2010, p.228).

## REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michel. *Etnografia e observação participante*. Tradução José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CARPENTIER, Alejo. *O reino deste mundo*. Rio de Janeiro: Record; Altaya, 1985. (Mestres da Literatura Contemporânea).

Da MATA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DANTICAT, Edwidge. *Adeus, Haiti. Memórias*. Tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. 2. ed. revista. Apresentação de Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Global, 2007.

FERNANDES, DUVAL (Coord.). *Projeto estudos sobre a migração haitiana ao brasil e diálogo bilateral*. Belo Horizonte, fevereiro de 2014. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A7C816A45B266980145DCAB8EF42233>. Acesso em: 07 ago. 2014.

GRONDIN, Marcelo. *Haiti: cultura, poder e desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Tudo é história, 104).



HARRIS, Leila Assumpção. *História e memória na literatura diaspórica de Edwidge Danticat*. [artigo contém trechos do trabalho “Edwidge Danticat: de história(s) em história”, apresentado como palestra em mesa redonda durante o Fazendo Gênero 9 (UFSC, 2010) e o II Encontro da linha de pesquisa “A voz e o olhar do Outro”(UERJ, 2010)] Disponível em [http://www.pgletras.uerj.br/vozhlaro\\_uro/volum\\_e002/003.pdf](http://www.pgletras.uerj.br/vozhlaro_uro/volum_e002/003.pdf) Acesso em 04 maio 2014.

HALL, Stuart. *Raça, o significante flutuante*. Tradução de Liv Sovik, em colaboração com Katia Santos. In. Revista Z Cultural. Ano VIII, 2. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/raca-o-significante-flutuante%EF%80%AA/> Acesso em: 15 jan. 2014.

IBGE. *Indicadores sociais municipais: uma análise dos resultados do universo do Censo Demográfico 2010*. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv54598.pdf> Acesso em: 08 ago. 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Conversas. 1948*. Tradução Fabio Landa e Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

THOMAZ, Omar Ribeiro. Eles são assim: racismo e o terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti. In. *Revista USP. Cadernos de campo*, São Paulo, n. 20, 2011. p. 273-284. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/36802/39524> Acesso em: 02 fev. 2014.

## DOCUMENTOS e LEGISLAÇÕES

BRASIL. *Perfil migratório do Brasil 2009*. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego – MTE. Disponível em [http://publications.iom.int/bookstore/free/Brazil\\_Profile2009.pdf](http://publications.iom.int/bookstore/free/Brazil_Profile2009.pdf) Acesso em: 09 ago. 2014.

Brasil. *Resolução Normativa nº 106, de 24 de outubro de 2013*. Conselho Nacional de Imigração/Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/FF808081419E9C900141F0140AA718A4/RESOLU%C3%87%C3%83O%20NORMATIVA%20106.pdf> Acesso em: 03 jun. 2014.